

## A CRIANÇA GAY NA ESCOLA:

### a relação de professor-aluno com a criança que não se encaixa<sup>1</sup>

#### THE GAY KID AT SCHOOL:

#### the teacher-student relationship with the kid who doesn't fit in

João Paulo da Silva<sup>i</sup>

**RESUMO:** Este artigo discorre e analisa a problemática sobre a relação professor-aluno diante da criança que transgride os comportamentos socialmente impostos pela binariedade dos sexos/gêneros. Esta pesquisa bibliográfica qualitativa se utilizou de notícias, artigos, e demais pesquisas, colocando como protagonistas os alunos no ambiente escolar que não se encaixam na heteronormatividade. A coleta de dados ocorreu no período de 2023, refletindo sobre experiências e observações do autor. Tem como base referencial Marco Antonio Torres e Richard Miskolci. Os resultados apontam para a percepção da falta de acolhimento dessas crianças em sala de aula, e conclui-se na urgência do aprofundamento da discussão sobre a diversidade sexual na escola.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Preconceito. Relação professor-aluno. Alunos LGBTQIA+. Teoria *Queer*.

**ABSTRACT<sup>2</sup>:** This article discusses and analyzes the problem over the teacher-student relationship acknowledging the child that transgress the behavior socially imposed by the sexes/genders binarity. This qualitative bibliographic research makes use of news, articles, and other researches, highlighting students in the school environment who can't fit in the terms of heteronormativity as a central figure. The data collecting happened in the period of 2023, reflecting over own experiences and observations from the

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O MENINO GAY NO AMBIENTE ESCOLAR – a relação professor-aluno e o combate ao preconceito”, sob a orientação da Dra. Isabela Augusta A. de Souza, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/1.

<sup>2</sup> Tradução por Viviane Gomes Lisboa, Licenciada em Letras. E-mail: [viviane.gml@hotmail.com](mailto:viviane.gml@hotmail.com).

author. Having Marco Antonio Torres and Richard Miskolci as a referencial base. The results lead us to the perception of a missing reception for these children in the classroom and it concludes in the urgency for the deepening of sexual diversity debates at school.

**Keywords:** Homosexuality. Prejudice. Teacher-student relationship. LGBTQIA+ students. Queer Theory.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a questão do aluno que não se “encaixa” dentro de sala de aula, por agir de maneira mais “feminina”, bem como as interações com outros alunos que podem fazer com que a criança se sinta excluída ou ridicularizada, e como o professor se posiciona sobre situações como esta.

Resolvi buscar o que se pode fazer pela criança que não se encaixa nos moldes impostos pela sociedade heteronormativa, quando ela está rodeada de crianças que não possuem os mesmos conflitos de identidade.

O objetivo deste artigo é apresentar as possibilidades que surgem quando o professor toma posicionamento em prol da participação da criança que se encontra isolada em sala de aula, e os conflitos que a mesma encontra como indivíduo.

Como um recorte da pesquisa bibliográfica realizada no Trabalho de Conclusão de Curso, foram analisados e tratados notícias, artigos, pesquisas e trechos de livros afim de contextualizar a homossexualidade e a infância das crianças que não se encaixam ou não se identificam como heterossexuais.

O referencial teórico é baseado em Marco Antonio Torres e Richard Miskolci, envolvendo a teoria *queer* juntamente com a relação entre professor e aluno, a fim de explorar as diversidades dentro de sala de aula, considerando a singularidade de cada aluno e suas pluralidades de identidades, para estabelecer o respeito entre as suas diferenças e compreender a vivência em uma sociedade justa para todos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O recorte feito do Trabalho de Conclusão de Curso referente ao aluno *gay* no ambiente escolar tem como base referencial Marco Antonio Torres, que realizou estudos referente a diversidade sexual na educação e aos direitos de cidadania LGBTQIA+ na escola, juntamente com as reflexões sobre a teoria *queer* que fazem um alinhamento a relação professor-aluno de Richard Miskolci.

Em sua obra, Marco Antonio Torres (2010) lança luz sobre a ausência curricular referente aos LGBTQIA+ (lésbicas, *gays*, bissexuais, trans/travestis, *queer*, intersexo, assexuais, e mais) na escola.

Pois, quando se trata de diversidades, pluralidades, e a desconstrução do preconceito, se nota que a instituição escolar desconsidera o preconceito sexual, no que se diz respeito a comunidade LGBTQIA+, ou muitas vezes, se resolve por “debaixo de panos”, afim de esconder ou reprimir a situação que se ocorre.

Indo direto ao problema principal, que é o preconceito, é relacionado como todo o corpo escolar, seja funcionário da limpeza ou cozinha, até os diretores, podem se mostrar indiferentes à uma situação de injustiça e humilhação, pelo fato de agirem por crenças e valores diferentes, que não condizem com a realidade que o aluno vive. É analisada a questão religiosa que se predomina nos ambientes escolares e não escolares e como existe a influência relacionada ao sexo e gênero quando as mesmas se tornam a lente pela qual o indivíduo formula suas opiniões e constrói sua visão de mundo e de outros indivíduos ao seu redor, resultando em diferentes reações para com o preconceito específico, a ponto de se fazer permissível a violência contra o próximo (Torres, 2010).

O autor Richard Miskolci (2012) menciona como a escola pode se tornar um ambiente violento para essas crianças que não são consideradas “corretas” e não se adaptam ao que se determina “heteronormatividade”, pois segundo ele, existe espaços onde se crê que todas as pessoas possuem a obrigação de serem héteros: “As normas sociais não escolhem sujeitos, elas se impõem a todos e todas, mesmo àqueles e àquelas que jamais conseguirão atendê-las [...]” (p. 46).

E, quando se coloca uma criança em desenvolvimento, onde a mesma não se identifica com essas normativas, ela acaba sendo reprimida, corrigida, e violentada para que “entre na linha”. A teoria *queer* se faz presente em sua obra no que se diz respeito ao tratar com delicadeza a sexualidade do indivíduo em sala de aula, como fazer desse ambiente um espaço acolhedor e que faça a criança se sentir segura e confortável por ser ela mesma e desenvolver a sua singularidade. E ainda aponta professores que seguem na contramão, desrespeitando e envergonhando os seus próprios alunos, tanto em tempos passados quanto em tempos atuais, mesmo com toda os avanços no currículo e em propostas pedagógicas de inclusão e diversidade no ambiente escolar (Miskolci, 2012).

Torres (2010, p. 40) afirma que a homofobia só poderá enxergar seu fim quando o preconceito for reconhecido como um sistema intrínseco às relações educacionais de toda a escola, e ao mesmo tempo, afirma que a garantia para o combate dessa violência é por meio da garantia e do reforço dos direitos reconhecidos às diferenças de identidade de gênero e orientações sexuais. Também é mencionado a escassez por parte de metodologias, materiais e pesquisas relacionadas ao tema da sexualidade e gênero para a operação dentro da escola.

Em um contexto geral, Torres nos dá um diagnóstico sobre a configuração da escola, no que se baseia em valores religiosos a partir do contexto das diferentes gerações e discorre sobre o quanto a religião está ligada à educação em si até os dias de hoje. Assim como pontua as dificuldades que se apresentam quando é mencionado o assunto da diversidade no ambiente escolar, não somente dentro de sala de aula, mas no contexto total do espaço escolar. Ainda proporciona questionamentos para que professores se sintam estimulados a conhecer e abordar estes temas que são, na maioria das vezes, deixados de lado. Assim como oferece relatos pessoais de outros indivíduos em relação ao preconceito dentro do espaço escolar.

Com tudo isso em mente, é possível perceber o desenvolvimento de uma preocupação profunda com o papel que a escola tem sobre a violência direta em relação a sexualidade/gênero e sua urgência para cumprir o seu papel como um ambiente que acolhe a todos independente de crença e cultura.

Essa análise se alinha com o que Teodoro e Cunha (2014, p. 160) concluem em relação a abordagem da sexualidade humana como uma intervenção intencional, que possibilita a construção e reestruturação de padrões sociais, ampliando conceitos e se desamarrando de preconceitos estabelecidos pela falta de informação e de aprofundamento no desenvolvimento dos indivíduos, interferindo assim também no modelo educacional de forma positiva.

As pesquisas apontam que a LGBTQIA+fobia é uma das fortes causas do abandono escolar e que existe uma grande carência da falta de formação de professores relacionada aos temas referentes a sexualidade e gênero, apontando a falta de interesse e posicionamento referente à violência presente no ambiente escolar. Refletindo a Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Escolar de 2016, 27% dos entrevistados relatou ter sofrido agressão na escola e 73% foram alvos de xingamento por sua orientação sexual (Castro, 2017). A instituição escolar se encontra num posicionamento de extrema importância para planejar e agir em prol da qualidade do ensino e do bem estar de seus estudantes.

Assim, Miskolci discorre sobre as possibilidades que a teoria *Queer* proporcionaria em questões metodológicas, dentro do espaço escolar, como solução para combater a discriminação de alunos que não se identificam com o que é imposto pela sociedade. A teoria *Queer* em si representa o que é o estranho, o diferente. É uma palavra resgatada e ressignificada para algo positivo. E nesta obra é utilizada como desafio aos profissionais para enxergarem além das normativas que são colocadas entre as paredes da escola.

Ambos alinham seus pensamentos em relação ao trabalho com a diversidade e ao medo que reside entre os profissionais da educação para com este tema. Reconhecem que as raízes deste problema são geracionais, com ligação entre religiões e costumes de diferentes culturas, baseadas também no medo do diferente e no que fura a bolha do que é cotidianamente visto e consumido.

A partir da análise destes dois autores, seus pensamentos foram alinhados com experiências pessoais atuais e de longa data, desde que estive inserido no contexto escolar, a fim de procurar soluções para diferentes conflitos no ambiente educacional e examinar o possível processo para a busca do respeito a diversidade e singularidades entre os indivíduos na nossa sociedade.

### 3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa bibliográfica, a fim de rebuscar fontes, materiais, artigos e relatos referentes a crianças que se encaixam no que se define como “menino *gay*” no ambiente escolar e como é a sua relação com o professor dentro de sala de aula, em detrimento da sua característica contracultural.

Para além da pesquisa bibliográfica, também se fez de utilidade a experiência própria do autor durante o período de estágios supervisionados realizados em escolas públicas do município de Sinop, no estado de Mato Grosso, atuando como auxiliar pedagógico em escola pública durante 2016 até 2018,

como estagiário durante o período de 2019 até 2023, e como auxiliar pedagógico em cursos de linguagens até o momento atual (2023).

Durante esses momentos em sala de aula, foram realizadas observações sobre a interação de alunos, que variam entre as idades de 7 a 14 anos, com seus respectivos professores e colegas. Estas observações realizadas pelo autor também servirão de base para a discussão final.

### 3 TRATAMENTO DE DADOS

De acordo com o que foi encontrado e analisado durante a pesquisa, referente ao menino gay no ambiente escolar e sua relação com o professor, existem, até o momento atual do ano de 2023, ataques homofóbicos direcionados às crianças de até 14 anos, mesmo que essas não sejam homossexuais de fato, como é o caso que será citado a seguir. Existem relatos de suicídios devido à discriminação dentro do ambiente escolar, discriminação essa cometida por crianças da mesma faixa etária das vítimas, que também serão mencionadas no decorrer deste recorte.

Esta violência não se limita apenas aos alunos entre si, mas o corpo estudantil, a escola e seus professores também se encontram nos relatos de ataques homofóbicos noticiados. Uma das situações mais recentes relatadas, publicado em 2021 no *site* do G1, foi a resposta do corpo escolar referente a sugestão realizada por um aluno, de 11 anos de idade, para a produção de um trabalho sobre o mês do orgulho LGBTQIA+. Não apenas os pais presentes no grupo do *Whatsapp* reagiram de forma intolerante e intimidadora à sugestão da criança, como também uma funcionária da escola, relatada como coordenadora da instituição, fez uma ligação direta com a criança, interferida pela irmã da mesma, para que a sugestão fosse removida, pois era inadmissível, absurda e inapropriada, e que a criança passasse por um tipo de tratamento (Carvalho, 2021).

Essa realidade não melhora conforme é pesquisado mais a fundo sobre a relação que um aluno que se identifica como homossexual ou que faça parte da identidade LGBTQIA+ tem em um ambiente escolar com seus professores e colegas. Pois, em sua maioria, são relatos de violência, suicídio ou homicídio.

Como neste caso de 2023, no qual um adolescente de 16 anos reagiu, de forma violenta, aos ataques homofóbicos que recebia na escola, localizada em São Paulo, assassinando a tiros uma estudante e ferindo outras duas. O advogado do adolescente relata que Estado foi “omisso” ao lidar com a situação que o garoto se encontrava. A escola sugeriu à mãe do estudante que trocasse de escola, e mesmo com o boletim de ocorrência registrado, a mesma não seguiu em frente por falta de conhecimento jurídico (Parra, 2023).

O que essas situações têm em comum são a omissão do Estado e do comprometimento da Escola e seus funcionários com os seus alunos, o que acaba por contrariar um dos objetivos principais da Escola. Todas as instituições escolares possuem um PPP (Projeto Político Pedagógico) que faz a identificação de todo o corpo escolar, incluindo sua filosofia e objetivos. Dentro deste documento, se faz presente o tema relacionado a diversidade e igualdade, o combate à discriminação e a busca pelo respeito mútuo entre os agentes escolares e os seus alunos, a fim de estabelecer uma convivência em

sociedade em que os conflitos sejam travados, compreendidos e resolvidos. Assim como afirma Libâneo (2009):

[...] não é apenas na sala de aula que os alunos aprendem, eles aprendem também com os contextos socioculturais, com as interações sociais, com as formas de organização e de gestão, de modo que a escola pode ser vista como uma organização aprendente, uma comunidade de democrática de aprendizagem. As pessoas – alunos, professores, funcionários – respondem, com suas ações, a um contexto institucional e pedagógico preparado para produzir mudanças qualitativas na sua personalidade e na sua aprendizagem.

Compreendendo este compromisso que a Escola possui com seus alunos, observa-se a falha gritante justamente neste tópico delicado. É deixada de lado a pauta mais importante para o aluno durante seu desenvolvimento, que é a identitária, por puro conformismo e conveniência de não se ter que lidar com algo complexo e que requer uma análise profunda sobre como agir e lidar com determinadas situações de violência ou de dúvidas relacionadas à própria identidade.

Dentro desse ambiente onde não se deve falar sobre o assunto, silenciando o aluno e seus pedidos de ajuda para com a instituição que deveria cumprir o seu papel como mediadora de aprendizado e de desenvolvimento social, se encontra o professor, que se concentra no papel de maior importância para seus alunos em sala de aula. Dentre todos os funcionários e agentes dentro da instituição escolar, é o profissional que mais possui intimidade e liberdade para poder criar uma ponte entre ele e seus alunos referente aos tópicos delicados como a sexualidade.

O professor como mediador possui a delicadeza e o compromisso de exercer sua empatia pelos seus alunos, considerando a realidade e singularidade de cada aluno presente dentro da sala de aula. Durante seu desenvolvimento, o aluno precisa da sensação de visibilidade para se reafirmar sobre sua própria existência e da aprovação geral, para que sinta que está fazendo a coisa certa e está no caminho para sucesso. As autoras Magnabosco e Teixeira (2011) discorrem sobre as decisões errôneas de professores em relação à sexualidade e gênero, definindo corpos invisíveis (alunos que são ignorados pelos professores) e corpos disciplinados (aqueles que ganham reconhecimento quando se adequam e são obedientes às normas comportamentais estabelecidas em uma relação de poder dentro do ambiente de aprendizagem) e pontuam:

Uma mente saudável, enquanto aquela que pode pensar, ter críticas, discordar, ter consciência das diferenças, é possível em um corpo que pode ter movimentos, que pode sonhar, imaginar, perguntar, tornar-se visível e ter vida própria. Sem isso, iremos continuar reproduzindo relações em que predominarão os corpos invisíveis e os disciplinados, os quais possuem apenas a docilidade da submissão e da repetição de ideias já pensadas, de movimentos sem vida e de saberes prontos. (p. 37).

Com isso em mente, tendo em média 25 a 30 alunos dentro de sala de aula, cada um com sua própria singularidade, os conflitos existirão e o professor terá que ter o “jogo de cintura” para conduzir e travar diversas batalhas de diversos assuntos, mantendo o respeito e fazendo com que cada um seja

ouvido. Quando o aluno possui a chance de ser ouvido, se mostra a importância de sua opinião e faz com que ele também aprenda a ouvir o próximo. Em uma situação como esta, o respeito é construído de forma empírica, tendo o professor como mediador dentro deste ambiente e participativo em relação aos conflitos existentes entre seus alunos.

Assim, podemos interligar com as problemáticas que os autores Torres e Miskolci nos apresentam em suas obras, referentes à apresentação dos temas sexualidade e gênero, juntamente com a teoria *queer* como parte do currículo escolar. Ambos expressam a importância e a urgência de ser trabalhada a diversidade sexual e de gênero dentro do espaço escolar, pois toda nossa sociedade foi construída e passada historicamente por movimentos sociais que procuraram se afirmar em busca de respeito como indivíduos, no intuito de dialogar democraticamente e serem tratados igualmente em todos os espaços, em contrapartida com a histórica permanência do que se considera errado como comportamento e o que é considerado como sagrado e abominável pela religião. Entendendo a realidade da sociedade e como está diretamente ligada ao desenvolvimento dos seres humanos, assim como os professores dentro de sala de aula, não é chocante que se perpetuem discriminações e a propagação da intolerância seja tolerável dentro do espaço escolar, pois não há discussão suficiente e tampouco profundidade em relação a este tema.

Fica claro que ambos os autores denunciam e suplicam por uma mudança no sistema de aprendizagem a fim de melhorarem a relação entre os alunos e professores, para que se quebre o ciclo de violência velada ou exposta entre os corpos dentro de sala de aula, para que se concretize a funcionalidade da escola, sendo uma delas o desenvolvimento de seres humanos em convivência uns com os outros, respeitando as diferenças e compreendendo a singularidade de cada um.

A partir da mudança dentro da escola, se estabelece a possibilidade de construção de conhecimento mais afetivo entre professor e aluno. Quando o professor compreende que seu aluno também se expressa sexualmente, assim como todos os seres humanos, e retira esse peso do tabu de ser falado ou comentado através dos comportamentos diferentes da maioria, a compreensão se torna a chave para uma educação libertadora e revolucionária.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta análise, é possível dizer que o objetivo foi atingido. Existem formas simples de efeito grandioso que podem servir de muita contribuição para a educação, ao exercer a função de interagir com o aluno de forma livre de preconceitos e afetiva, valorizando o mesmo como alguém que importa ser ouvido. Apesar de compreendermos que a sexualidade é tabu até os dias de hoje entre adultos, não seria diferente que fosse tabu quando os sujeitos são crianças.

Ao mesmo tempo, compreendemos que a formação de professores sobre este assunto ainda é muito escassa e isso reflete nos casos de violência noticiados em nossa sociedade. O diálogo entre escola e família sobre o assunto também é algo que falta a ser trabalhado com delicadeza e livre de preconceitos.

A criança gay precisa ser respeitada assim como todas as outras crianças em nossa sociedade, pois a sua sexualidade é apenas um detalhe, que diz respeito apenas à ela mesma, como indivíduo.

Esta temática será continuada através da prática pedagógica e de pesquisas realizadas futuramente afim de contribuir para a amplitude dos estudos relacionados à sexualidade na infância e no espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Marcello. **Família denuncia preconceito contra aluno de 11 anos após sugestão de trabalho com tema LGBT em grupo da escola**. O Globo. Campinas, 13 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/13/familia-denuncia-preconceito-contraluno-de-11-anos-apos-sugestao-de-trabalho-com-tema-lgbt-em-grupo-da-escola.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2023.
- CASTRO, Davi de. **LGBTfobia é uma das fortes causas do abandono escolar**. TV Brasil. 04 jul. 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/07/lgbtfobia-e-uma-das-fortes-causas-do-abandono-escolar>. Acesso em: 25 out. 2023.
- LIBÂNEO, José Carlos. As práticas de organização e gestão da escola e a aprendizagem de professores e alunos. **Presente! Revista de Educação**, CEAP-Salvador (BA), jan/abr 2009.
- MAGNABOSCO, Maria M.; TEIXEIRA, Cíntia M. **Gênero e diversidade: formação de educadoras/es**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2011. E-book. ISBN 9788582178249. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582178249/>. Acesso em: 08 nov. 2023.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. (Coleção Cadernos da Diversidade). Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2012. E-book. ISBN 9788582179338. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582179338/>. Acesso em: 04 out. 2023.
- PARRA, Ricardo. **Aluno atacou colegas por sofrer homofobia e Estado foi "omisso", diz advogado**. Portal Terra. Notícias. 24 out. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/aluno-atacou-colegas-por-sofrer-homofobia-e-estado-foi-omisso-diz-advogado,0e980ce1325d184cdfeafd9723e415b3w27cwkmv.html>. Acesso em: 25 out. 2023.
- TORRES, Marco A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2010. E-book. ISBN 9788582178133. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582178133/>. Acesso em: 04 out. 2023.
- TEODORO, Jéssica Oliveira da Silva. CUNHA, Marion Machado. Orientação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: práticas e conceitos. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 5, n. 2, 11. ed., p. 153-161, jun./jul. 2014.

Recebido em: 1 de dezembro de 2023.

Aprovado em: 2 de julho de 2024.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/11982>

---

<sup>1</sup> **João Paulo da Silva.** Graduando em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2023/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

*Curriculum Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/4369217438340525>

*ORCID:* <https://orcid.org/0009-0005-3483-311X>

*E-mail:* [paulo.joaol@unemat.br](mailto:paulo.joaol@unemat.br)